

José Luis Sicre

**SATANÁS
CONTRA OS
EVANGELISTAS**

Um debate no Céu



EDITORIAL A.O.

Título original

Satán contra los Evangelistas (2ª edición)

© 2015 Ediciones Mensajero

ISBN 978-84-271-3796-7

Tradução

Mário José Galvão de Almeida

Capa

Ana Miranda

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

Depósito Legal

455913/19

ISBN

978-972-39-0869-5

Maio de 2019

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Motivo e caráter deste livro

Há três ou quatro meses, um velho amigo, Antonio Caballos, veio ter comigo com uma má intenção: queria que eu escrevesse um livro. O seu argumento para me convencer era o seguinte:

«As pessoas não entendem os Evangelhos. Quando encontram uma passagem difícil, ou a interpretam à letra, tirando conclusões erróneas, ou a recusam como algo sem valor histórico. Deverias aplicar o que fazes no teu blog* a propósito das leituras dominicais a todas as passagens controversas dos Evangelhos e publicar um livro».

«Contra o vício de pedir está a virtude de não dar». Por isso, quando, muito amigos, nos despedimos, não tinha a menor intenção de escrever esse livro. Porém, mais tarde, enquanto estava ocupado com um tema absolutamente distinto (a violência na Bíblia), despontou uma imagem na minha cabeça, pelo que me pus a escrever e, em pouco mais de um mês e meio, surgiu este livro.

* <http://elevangeliodeldomingojlsicre.blogspot.com.es>

A imagem que despontou em mim foi a de Satanás a discutir amistosamente com Deus a propósito da bondade de Job. Poderia aplicá-la ao problema da interpretação dos Evangelhos. Não se trataria de uma discussão entre Satanás e Deus, mas sim de um debate diante da corte celeste, em que Satanás defenderia o ponto de vista do homem moderno, por vezes hipercrítico e obcecado com o que realmente aconteceu, enquanto os evangelistas defenderiam o valor dos símbolos como forma de transmitir uma mensagem mais universal e profunda.

Os entusiastas da verdade histórica esquecem que duas das passagens evangélicas que mais influência tiveram nos últimos vinte séculos nada têm de históricas: as parábolas do filho pródigo e do bom samaritano. O pai, os dois filhos, aquele que desce de Jerusalém para Jericó, os assaltantes, o sacerdote, o levita, o samaritano, não são personagens históricas. *O que se conta* nunca aconteceu; *o que se transmite* é real e preservará o seu valor enquanto houver uma pessoa que o leia.

Como saber o que querem transmitir os evangelistas? Durante anos, quando eu não entendia um texto do Antigo ou do Novo Testamento, aplicava o conselho dado por Santo Inácio de Loiola nos Exercícios Espirituais: se lês algo que não entendes ou te scandaliza, não condenes o seu autor; dialoga com ele, pergunta-lhe como entende o que diz. Este livro pretende que Marcos, Mateus e Lucas expliquem ao homem moderno os seus pontos de vista, as modificações que introduzem, a intenção que os guia. Se eles lessem este livro, é possível que nem sempre estivessem de acordo com o que ponho nas suas bocas, mas não creio que me denunciasses à Conferência Episcopal.

À medida que ia escrevendo, o debate adquiriu dois traços, que se me impuseram sem que eu o pretendesse. As intervenções de Satanás tornaram-se cada vez mais satânicas: outra coisa não era de esperar dele. Por outro lado, o tratamento humorístico foi ganhando terreno, como forma de tornar agradável a leitura e de suavizar determinadas afirmações que, caso contrário, poderiam parecer demasiado contundentes.

Trato a Trindade com a confiança que Jesus nos ensinou ao chamar a Deus «Pai». Se a alguém esta familiaridade lhe parecer excessiva e se escandalizar, pode ler o que se diz sobre Deus no Antigo Testamento. Sentir-se-á ainda pior.

Algumas pessoas que leram o livro durante a sua redação estranharam a minha forma de tratar os demónios, sem exageros, quase com afeto. É por influência do Evangelho de Marcos, que os apresenta como uns pobres desgraçados, como crianças malcriadas que gritam e batem os pés, mas que vão a correr para a cama quando Jesus lhes dá um berro. Alinho-me com Santa Teresa, que tinha mais medo de quem fala muito do demónio do que dos próprios demónios.

Quando estava a concluir o livro, caí na conta de que responde, em grande parte, à preocupação de Antonio. Mas com uma diferença. Ele queria que eu lhe servisse uma travessa de peixe: eu ofereço-lhe uma cana para que ele possa aprender a pescar. Neste livro, não encontrará tratadas todas as passagens difíceis dos Evangelhos, mas encontrará um ponto de vista que o ajudará a lê-las de uma forma diferente, mais parecida à dos evangelistas.

Por último, não faltará quem me venha a acusar de leísta, laísta e loísta*. Recordo-lhes que Javier Marías, madrilenho e grande escritor, defendeu há alguns anos este aspeto da fala andaluza como o mais correto. Algo de bom havíamos de ter.

Termino esta obra a 19 de julho, aniversário da queda de Jerusalém às mãos dos babilónios (ainda que se discuta se no ano 586 ou 587 a.C.). Esta data converteu-se para os judeus em motivo de luto e jejum. Espero que a ninguém aconteça o mesmo com este livro**.

Granada, 19 de julho de 2015

* Uso desadequado dos pronomes átonos de 3ª pessoa *lo(s)*, *la(s)* e *le(s)*, de acordo com a norma culta da língua castelhana, confundindo assim as funções de complemento direto e indireto [N. T].

** Para a versão portuguesa das citações bíblicas recorreremos à edição da *Bíblia Sagrada*, ed. Difusora Bíblica, Fátima 2012, à exceção das expressões «evangelho» e «reino de Deus» ou «reino dos Céus» que, para maior proximidade com a versão proposta pelo autor, substituímos respetivamente por «boa notícia» e «reinado de Deus» [N. E.].

Nos tempos antigos, quando ainda não existia o inferno, Satanás formava parte da corte celeste e lidava com Deus como um amigo. A ação do livro de Job situa-se naquela época. Mais tarde, o orgulho tomou conta de Satanás: tramou uma rebelião e foi desterrado com todas as suas hostes. Mas, em memória dos bons tempos, o Senhor Deus permitia-lhes, em circunstâncias excepcionais, que se apresentassem na sua presença. Numa dessas raras ocasiões, teve lugar o debate que aqui é narrado.

A denúncia

Num certo dia em que anjos e demónios se foram apresentar diante do Senhor, perguntou-lhe Satanás:

– Leu vossa Majestade os Evangelhos, esses livros que falam do seu Filho?

Incomodava ao Senhor Deus reconhecer em público que não os tinha lido, mas Satanás nem Lhe deu tempo para responder.

– Dizem coisas tão distintas, por vezes tão contrárias, que parecem escritos para que as pessoas percam a fé em Jesus. Deveria mandar Mateus, Marcos, Lucas e João comigo para o inferno.

O Espírito Santo interveio de imediato.

– Ninguém pode ser condenado sem ser previamente ouvido.

– Não há nada que ouvir – objetou Satanás. – Basta ler.

– Mas às vezes é fácil não entender o que se lê, e ver contradições onde não as há.

O Senhor Deus impôs silêncio, meditou por um momento e sentenciou:

– Chamai Marcos, Mateus, Lucas e João.

Quando chegaram à sua presença, perguntou-lhes:

– É verdade que escrevestes uns livros sobre Jesus que estão cheios de contradições e que por culpa vossa as pessoas podem perder a fé?

Marcos, assustado, foi o primeiro a responder.

– Pai, eu não tenho culpa de nada. Fui o primeiro a escrever um evangelho. Se há contradições e diferenças, a culpa é destes dois, que acrescentaram coisas ao que eu disse e modificaram outras. Com João não me meto, porque ele segue os seus caminhos.

– João, que significa isso de seguires os teus caminhos?

– Não quis repetir-me, Pai. Estes três já tinham escrito quase o mesmo. Eu procurei oferecer algo de novo, muito diferente.

O Pai acaricia a sua formosa barba.

– E vós, Mateus e Lucas, é verdade que acrescentastes coisas ao que Marcos disse e que modificastes outras?

– É verdade, Pai – responde Mateus –. Quando li o que Marcos tinha escrito, notei que faltavam muitos ensinamentos de Jesus; e algumas coisas eram obscuras, pelo que era necessário explicá-las.

– Eu pensei o mesmo – acrescenta Lucas –. Eu...

Satanás não o deixa continuar.

– Mentira, Majestade. Mentem os dois. Não se limitaram a acrescentar coisas que faltavam. Inventaram o que lhes deu na gana. E nem sequer se puseram de acordo.

– Era impossível que nos puséssemos de acordo – protesta Mateus –. Vivíamos muito longe um do outro, nem sequer nos conhecíamos.

O Senhor Deus não está disposto a tolerar contendas nem discussões e manda que todos saiam. Quando fica a sós com o Espírito, pergunta-lhe:

– É verdade que por culpa destes quatro as pessoas estão a perder a fé?

– Satanás exagera e mente. A maioria das pessoas não lê os Evangelhos, sobretudo os católicos.

– Então não é preciso mandá-los para o inferno.

Não fica claro se o Pai pergunta ou afirma. O Espírito é taxativo.

– De modo nenhum. Mas podíamos distrair-nos com um belo debate. Que Satanás os acuse, com os livros na mão, e eles que se defendam.

– Quatro contra um? Parece injusto.

– Eu excluiria João. Como disse Marcos, segue os seus caminhos.

– Continuam a ser três contra um.

– Satanás tem um montão de amigos a quem pedir ajuda.

– Referes-te aos teólogos?

– Não sejas irónico, Pai. Refiro-me aos seus demónios.

– Isso do debate parece boa ideia. Já estou um pouco cansado de escutar os vinte e quatro anciãos a repetir que sou digno de receber a glória, o poder e a honra.

Entre as suas numerosas hostes, Satanás escolheu Lúcifer, Lilit e seu esposo Samael, Mefistófeles, Samyaza, Asmodeu, Azazel e Belial, distribuiu por eles cópias dos três Evangelhos e ordenou-lhes:

- Lede com atenção, anotai todas as diferenças e contradições que encontrardes. Em breve nos reuniremos para as discutir. O importante é demonstrar que estes livros fazem perder a fé.

Mefistófeles, o mais sábio dos seus sequazes, deitou um olhar atento aos livros e perguntou:

– Em que manuscritos e códices se baseia esta versão?

Satanás fitou-o desconcertado e Mefistófeles esclareceu:

– Não se conserva o que Marcos, Mateus e Lucas escreveram. Estas edições baseiam-se em códices e papiros posteriores, cópias de cópias, que por vezes não coincidem. Se usarmos um texto que não é de confiança, poderão defender-se dizendo que isso não foi escrito por eles.

– São assim tão grandes as diferenças entre os códices e os papiros?

– Em geral, não. Trata-se por vezes de minúcias. Há outras diferenças mais importantes.

Satanás refletiu.

– Dizem que o texto que vos dei é aquele que é estudado em quase todas as faculdades de teologia. Se Marcos, Mateus e Lucas não estiverem de acordo nalgum detalhe, não levantaremos qualquer dificuldade. Temos argumentos mais que de sobra.

Ia encerrar-se a reunião quando Mefistófeles perguntou:

– Não vamos considerar o Evangelho de João? Esse sim, tem diferenças.

– Não. Sua Majestade e o Espírito disseram que são só estes três. O de João é tão diferente que não se pode comparar.

– Com o mesmo critério, aconselho a que não comecemos pelo que contam Mateus e Lucas acerca da infância de Jesus. São relatos tão diferentes que não se prestam a serem comparados; poderão sempre aduzir que usam fontes ou elementos simbólicos distintos. Deveríamos começar pela pregação de João Batista.

Marcos olha inquieto para Mateus e Lucas.

– Desculpai-me, saiu-me sem querer. Não tinha a intenção de vos deitar as culpas.

– A culpa é tua – explode Mateus –. Se tivesses dito as coisas de forma mais clara e tivesses incluído mais discursos de Jesus, eu não teria escrito nada. Mas tu escreves sem pensar, ao correr da pena. Deste-te conta de como apresentas Jesus da primeira vez que falas dele? «Por aqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão». Como se as pessoas soubessem quem é Jesus.

– Claro que o sabem – protesta Marcos.

– Pode ser que o saibam as da tua comunidade, mas um leitor normal e comum não sabe nada. Por isso, tive de escrever eu o que se refere à infância, para que o leitor soubesse quem foi Jesus antes de ter sido batizado.

– Eu tive a mesma impressão ao ler o teu evangelho – disse Lucas, mais sereno – e fiz o mesmo que Mateus, contar a infância.

Marcos não se consegue conter.

– Culpais-me de não contar nada de Jesus criança e vós contaís cada um o que lhe vem à cabeça. Tu, Mateus, inventas que vieram uns magos do Oriente e que, por culpa deles, tiveram de fugir para o Egito; e calo-me quanto à matança dos meninos de Belém, pois eu nasci em Jerusalém, a nove quilómetros de distância, e nunca durante a minha vida ouvi falar dessa matança. E tu, Lucas, onde foste buscar aquilo dos pastores a adorarem o menino? E da fuga para o Egito nada contas; pelo contrário, dizes que a família voltou de imediato para Nazaré. O cúmulo

é a genealogia de Jesus. Não coincidem nos nomes nem por casualidade, só no facto de o pai de Jesus se chamar José; quando remontam ao avô, tu, Mateus, dizes que se chamava Jacob, e tu, Lucas, que se chamava Eli (Marcos bufa acalorado). Eu prefiro calar-me a inventar.

Lucas intervém conciliador.

– Se continuarmos assim, vamos dar razão a Satanás quando diz que por nossa culpa as pessoas podem perder a fé em Jesus. O que temos a fazer é preparar bem a nossa defesa. Explicar porque é que cada um conta as coisas a seu modo. Nós não inventamos por capricho, Marcos. O que acontece é que certas coisas são difíceis de explicar, há que recorrer a símbolos e relatos fictícios.

Fez-se um longo silêncio. Por fim, Mateus propõe:

– É verdade o que Marcos disse dos nossos dois relatos da infância. São demasiado distintos. Seria melhor começar por João Batista, como ele fez. Eu encarrego-me de o propor ao Espírito, que é quem vai fazer de moderador.

– Teremos de preparar o debate – sugere Marcos.

– Naturalmente (Mateus duvida por um momento). Mas, quando nos reunirmos, prefiro que sejas tu, Lucas, a orientar. És mais sereno do que eu.

João Batista

Os três evangelistas reuniram-se para preparar o debate. Marcos estava com um ar um tanto distraído, como se a responsabilidade principal não fosse sua. Mateus estava na expectativa do que Lucas viesse a sugerir. Este tem diante de si cópias dos Evangelhos, mas não presta atenção ao seu; folheia, sim, as páginas de Marcos, concentrado. Inesperadamente, começa a ler em voz alta.

«Conforme está escrito no profeta Isaías: “Eis que envio à tua frente o meu mensageiro, a fim de preparar o teu caminho. Uma voz clama no deserto: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas””. João Batista apareceu no deserto, a pregar um batismo de arrependimento para remissão dos pecados. Saíam ao seu encontro todos os da província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando os seus pecados. João vestia-se de pelos de camelo e trazia uma correia de couro à cintura; alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre».

Levanta o olhar para Marcos e diz-lhe:

– Um começo esplêndido, com certeza. Sabes do que mais gostei? Eu fui um prosélito do Judaísmo, há anos que lia as Escrituras Sagradas, conhecendo-as de memória; admirava-me com a sua riqueza, com as maravilhas que Deus tinha feito nesse povo. E, quando conheci os cristãos e me propuseram que me unisse a eles, tive medo de que me obrigassem a esquecer tudo aquilo. Ao ler o começo do teu Evangelho, dei-me conta de que não devia ter medo. Jesus aparece em íntima relação com as Escrituras. Em João Batista, cumpre-se o que foi anunciado por Isaías; o seu batismo está em relação com a promessa feita por Ezequiel de uma água pura que nos purificaria; a sua forma de vestir é semelhante à do profeta Elias; a sua comida, a de um israelita piedoso que respeita as normas alimentares ordenadas por Deus a Moisés. É impossível expor em menos palavras a estreita relação entre o antigo e o novo.

Marcos olha para ele com satisfação, ainda que imagine que depois do louvor virão as críticas. Para surpresa sua, quem intervém é Mateus.

– Estou de acordo com Lucas. Também gostei muito dessa apresentação de João.

– Eu só a retoquei em dois pontos – acrescenta Lucas, enquanto Marcos teme o começo das censuras –. Em primeiro lugar, não dizes nada acerca de quando teve lugar a atividade de João. Eu quis situá-la no seu momento histórico. Por isso, acrescentei: «No décimo quinto ano do reinado do imperador Tibério, quando Pôncio Pilatos era governador da Judeia, Herodes, tetrarca da Galileia, seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e da Traconítide, e Lisânias, tetrarca de Abilena, sob o pontificado de Anás e

Caifás, a palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto». Levou-me tempo a averiguar esses dados, acredita, mas parecia-me importante indicá-los, pois davam mais solenidade ao relato; ao mesmo tempo, esclarecem que João não só se veste como Elias, como também recebe a palavra de Deus como os antigos profetas.

Lucas faz uma pausa, satisfeito com a sua contribuição.

– E o segundo retoque? – pergunta Marcos.

– É um disparate, um simples esclarecimento. Tu dizes que João apareceu no deserto a batizar. O deserto é o lugar menos apropriado para batizar, não há água. Por isso, pu-lo a percorrer todo o vale do Jordão. Ali sim, há água suficiente para batizar.

Mateus fica levemente corado. Ele havia mantido o texto de Marcos e considera a intervenção de Lucas um ataque indireto.

– O vale do Jordão pode ser mais aquático, mas é menos teológico do que o deserto de Judá.

Lucas sorri com benevolência.

– É verdade, Mateus. Seja como for, não creio que esta diferença provoque nas pessoas uma dúvida de fé. No resto, também não vejo grandes problemas. A maior diferença é que tu, Marcos, quando falas da pregação de João só dizes isto: «Depois de mim vai chegar outro que é mais forte do que eu, diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias. Eu batizei-vos em água, mas Ele há de batizar-vos no Espírito Santo». É o mais importante, sem dúvida, mas falta algo. Tu dizes que João pregava um batismo de penitência para o perdão dos pecados. Mas não detalhas o conteúdo da sua pregação. Mateus e eu acrescentámo-lo.

– Há contradições entre vós? – quer saber Marcos.

– De modo nenhum. Diferenças, sim. Porque eu acrescento algumas coisas práticas para explicar em que se devia manifestar a conversão.

– Quais?

– Em vez de colocar um longo discurso na boca de João, apresentei diversos grupos que lhe perguntavam o que deviam fazer. Às multidões, respondia: «Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos faça o mesmo». A uns cobradores de impostos, os famosos publicanos: «Nada exigais além do que vos foi estabelecido». Aos soldados: «Não exerceis violência sobre ninguém, não denunciéis injustamente e contentai-vos com o vosso soldo».

Lucas cala-se por um momento. A seguir, dirige-se a Mateus:

– Tu acrescentaste algo parecido? Gostas das coisas práticas.

– Não. Eu reservei-me para o final.

– Para qual final?

– Para o final do Evangelho.

Lucas olha para ele sem compreender plenamente, mas não indaga mais.

– Então, não há especiais problemas na apresentação de João Batista.

Os três estavam de acordo.

Reina entre os colaboradores de Satanás um velado desconcerto. Nunca tinham imaginado que acabariam a ler

os Evangelhos, muito menos para comparar as diferenças que pudessem existir entre eles. Percebe-se que quase todos estão na expectativa, entregando o protagonismo a Satanás. Não obstante, antes que este comece, Lilit, sem pedir permissão, toma a palavra.

– Descobri algo magnífico. Vou dar um golpe de morte a Mateus.

Até o sábio Mefistófeles olha para ela, surpreendido.

– O que é que encontrei?

– Mateus fala de Jesus como se fosse um simples imitador de João Batista, um pregador sem originalidade.

– Eu não vi isso em nenhum sítio – reconhece Azazel, demasiado obtuso por tanto vagabundear pelo deserto.

– Porque não lestes o que se segue. Segundo Marcos, quando Jesus começa a pregar diz: «Completo-se o tempo e o reinado de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai na boa notícia». Dá a impressão de uma mensagem nova, original, muito atrevida. Mas, segundo Mateus, João Batista pregava já antes disso mesmo: «Convertei-vos, porque está próximo o reinado de Deus». Dais-vos conta? Os mesmos temas: arrependimento e reinado de Deus. Jesus limita-se a copiar o seu mestre, só acrescenta detalhes sem importância: que se completou o tempo e que devem acreditar na boa notícia.

Samael, que defende sempre uma posição contrária à da esposa, mostra-se em desacordo.

– A mim parece-me muito importante o que Jesus acrescenta. Não é o mesmo dizer «está próximo o reinado de Deus» do que dizer «completo-se o tempo e o reinado de Deus está próximo».

Satanás reflete.

– Ainda que tenhas em parte razão, podemos ater-nos ao que Lilit disse: Marcos põe na boca de Jesus uma pregação que parece muito original e Mateus sugere que de original nada tem, que foi copiada de João Batista. Veremos que cara faz quando lho dissermos (antes de prosseguir, dirige-se a Lilit com rosto tenebroso). Na próxima vez, pede-me autorização antes de falar. E que fique claro que tu não vais dar nenhum golpe de morte a Mateus. O único a falar no debate sou eu.

Para evitar uma reprimenda parecida, Mefistófeles indica com um gesto que deseja falar.

– Eu descobri que Mateus e Lucas oferecem uma imagem de Jesus muito diversa da de Marcos. Em Marcos, quando João Batista fala de Jesus, somente diz: «Depois de mim vai chegar outro que é mais forte do que eu, diante do qual não sou digno de me inclinar para lhe desatar as correias das sandálias. Eu batizei-vos em água, mas Ele há de batizar-vos no Espírito Santo». Mateus e Lucas acrescentam que Jesus batizará também no fogo, e dizem ainda: «Tem na sua mão a pá de joeirar; limpará a sua eira e recolherá o trigo no celeiro, mas queimará a palha num fogo inextinguível». Dais-vos conta da diferença?

Mefistófeles duvida de que a tenham captado e explica:

– Marcos apresenta Jesus como um personagem de grande autoridade, que vai oferecer um batismo melhor. É uma imagem positiva, que desperta curiosidade e interesse. Pelo contrário, a imagem apresentada por Mateus e Lucas provoca recusa e medo. Ninguém gosta de ser ameaçado com fogo, nem de ser comparado com o trigo, muito menos com a palha... a ninguém apetece passar a eternidade num celeiro ou a arder.

– Então – resume Satanás satisfeito, pensando no que dirá durante o debate – o que Mateus e Lucas fazem é estragar o que Marcos dissera (estala um riso diabólico e estridente). Estou com vontade de ver como discutirão eles. Encontrastes algo mais?

Lúcifer olha desdenhosamente para os seus companheiros.

– O que mais me divertiu foi a diferença entre os insultados (sabe que não o entendem, e isso fá-lo gozar mais). Mateus chama «raça de víboras» aos fariseus e saduceus, enquanto Lucas dirige esse insulto às multidões que vão escutar João.

– Que concluis daí? – pergunta-lhe Satanás.

– Fariseus e saduceus representam as autoridades religiosas e as pessoas piedosas; estes podem ser tranquilamente insultados, porque nunca vão prestar atenção a João nem vão seguir Jesus. Mas insultar as multidões que vêm com boa vontade para ser batizadas é um despropósito, significa confrontar o auditório. Lucas pretende que as pessoas estejam desde o princípio contra João e Jesus.

Mefistófeles não parece convencido com essa interpretação, mas cala-se. Satanás não gosta que os demónios discutam entre si.

A notícia do debate criou grande expectativa no céu. No centro do cenário estão três tronos de jaspe e coralina sobre os quais brilha uma auréola de esmeralda. Em volta deles, em amplo semicírculo, situam-se à direita, nas filas superiores, anjos, arcanjos, tronos, dominações, potestades, querubins e serafins; nas filas

inferiores, santos, beatos, veneráveis, servos de Deus e o resto do povo santo; à esquerda, a multidão dos demônios, capitaneados por Satanás e seus ajudantes. A entrada dos vinte e quatro anciãos com vestes brancas e coroas de ouro na cabeça provoca um murmúrio de admiração. Aproxima-se o momento solene, e todos esperam que dos tronos saiam relâmpagos e se escutem trovões, como diz o Apocalipse, mas o Espírito ordenara que o debate tenha lugar com calma e sem artifícios sonoros nem luminosos. O Pai, Jesus e Maria ocupam os seus postos de honra no meio da ovação da ala direita, enquanto a esquerda mantém um temeroso silêncio. O Espírito põe fim à ovação com um breve gesto e dirige-se ao Pai.

– Como moderador, li os três relatos sobre a atuação de João Batista e não encontro especiais diferenças. Refiro-me a diferenças que possam provocar uma crise de fé ao leitor. Começaremos por escutar as acusações e a seguir terão a palavra os acusados. Satanás pode falar.

Sem se sentir coagido diante da multidão de seres celestes, antigos amigos seus e agora rivais, Satanás não se priva de começar com uma indireta.

– O Espírito tende sempre a considerar como bom o que ele inspirou. Mas nós não temos a mesma opinião. Fique claro, Majestade, que não nos guia o desejo de atacar a fé, como sempre dizem de nós, mas sim o desejo de a defender dos ataques de que é alvo com frequência. Ataques tanto mais perigosos quanto mais subtis, procedentes de pessoas consideradas os maiores partidários do vosso Filho: estes três evangelistas. Até há pouco tempo, os cristãos liam pouco os Evangelhos, não os liam ou liam-

nos sem prestar atenção aos detalhes. Agora, quando estes livros podem ser descarregados até mesmo no telemóvel ou no *tablet*, surge o perigo de que comecem a lê-los, dando-se conta das contradições que contêm, e acabem por perder a fé. E não pense vossa Majestade que isso nos alegra. Numa humanidade sem fé, ficamos sem trabalho. E como disse um humano: «Há algo pior do que o inferno: o aborrecimento».

O Pai remexe-se no seu trono.

– Não andes pela rama, Satanás. Vai ao miolo.

Os vinte e quatro anciãos inclinam as coroas em sinal de aprovação. Satanás, não muito satisfeito pela advertência, prossegue.

– O Espírito disse que não encontrou nada que possa provocar uma crise de fé. Que diria o Espírito de um autor que converte Jesus num mero papagaio, repetindo como um bobo as palavras de João Batista? Não me interrompas, Mateus. És tu o culpado disso. Que diria o Espírito de um autor que, quando as pessoas vêm de boa vontade para serem batizadas, põe na boca do profeta insultos inadmissíveis, como «raça de víboras»? Terá visto o Espírito algo mais repugnante do que um ninho de víboras, retorcendo-se e ameaçando quem se aproxima? Será igualmente repugnante quem deseja entrar em contacto com João e com Jesus? Fazes bem em calar-te, Lucas. Que diria o Espírito de dois autores que copiam um terceiro, não para o melhorar... mas para o deturpar? De dois autores que oferecem desde o início uma imagem terrível de Jesus, disposto a queimar na fogueira a quem se tresmalhe? É assim que se atrai alguém à fé? Assim afasta-se.

O Pai sorri para consigo. Boa intervenção. Muito mais divertida do que o interminável canto dos serafins. Maria, pelo contrário, indignada, sussurra ao ouvido de Jesus:

– Mateus disse que és um papagaio de João?

– Não, mãe, não o disse.

– E João Batista disse que ias queimar as pessoas?

– Silêncio, mãe, agora vão explicar tudo.

Entretanto, a uma indicação do Espírito, Mateus deu um passo em frente. Depois de uma profunda reverência, começa a falar.

– Pai, o teu Espírito inspirou há um certo tempo estas sábias palavras: «Até quando, insolentes, vos empenhareis na insolência e vós, insensatos, odiareis o saber? ». A resposta é fácil: até à eternidade. Os insolentes e insensatos, como Satanás e seus compinchas, não têm remédio, odeiam o saber. Contentam-se em ler duas frases, saltam cinco ou dez páginas, interpretam mal outra ideia, e apresentam como conclusões indiscutíveis as maiores aberrações. Acusam-me de converter a Jesus num mero papagaio de João Batista. Dificilmente o poderia fazer numa época e num país em que ninguém sabia o que é um papagaio. Mas toleremos a imagem e vamos ao conteúdo. Se Satanás se tivesse dado ao trabalho de deitar uma simples olhadela ao meu Evangelho, teria percebido que está cheio de ensinamentos de Jesus, expostos em cinco longos discursos e noutras frases soltas. Como pode dizer que converto Jesus num papagaio de João, quando a este só lhe atribuo um breve discurso? Que coincidem no anúncio do reinado de Deus? Sem dúvida. Mas Satanás, que não lê, ou, se lê, não se apercebe, não entendeu a grande diferença: João anuncia o reinado de Deus; Jesus explica em que consiste,

como se pode pertencer a ele, como se vive dentro dele. Um papagaio não chega a tanto.

Não me detenho no insulto «raça de víboras», porque, como Satanás bem sabe, não o dirijo a toda a gente. Lucas se encarregará de responder a essa acusação. Mas quero, isso sim, dizer algo sobre a acusação de copiar Marcos para o deturpar e de oferecer uma imagem terrível de Jesus. Nada mais distante da minha intenção que deturpar o Evangelho de Marcos, pelo qual sinto um profundo respeito. É difícil imaginar o mérito de pôr por escrito a atividade e o ensinamento de Jesus, apresentando-os não de modo confuso e insano, mas de forma coerente, com um dinamismo digno de todos os elogios. Mas a mim tinha-me chegado um manuscrito, um rolo não muito grande, com numerosos ditos de Jesus. Para minha surpresa, quase nada daquele rolo aparecia no Evangelho de Marcos. Por outro lado, não tinha dúvidas de que continha palavras pronunciadas por Jesus. Agregar essas palavras ao Evangelho de Marcos não parecia uma tentação do maligno, mas algo inspirado pelo Espírito. Reconheço que algumas coisas que Marcos contava de Jesus não me deixavam plenamente satisfeito; e também nos relatos introduzi algumas mudanças. Mas daí a dizer que a minha intenção era deformá-lo, há um abismo.

Diz Satanás que ofereço uma imagem terrível de Jesus. Se ler com atenção, dar-se-á conta de que não sou eu que ofereço essa imagem, mas sim João Batista. E se me acusa então de oferecer uma imagem terrível de João, respondo-lhe claramente: sim, como era terrível a imagem de Elias, a quem tanto se parece. E se insiste em perguntar-me se João tinha uma imagem terrível de Jesus... respon-

der-lhe-ei mais à frente, supondo que tu, Pai, continuarás a suportar as tolices dos insensatos.

O Espírito sente-se na obrigação de intervir.

– Mateus, para insultos, já te bastam os que diriges no teu Evangelho aos escribas e fariseus. Neste debate, deves comportar-te com moderação. Não importam os insultos, mas sim as ideias.

«O Espírito sempre tão moderado», pensa o Pai. «A mim divertem-me pessoas como Mateus, que perde com facilidade as estribeiras. Gostei da sua intervenção. Veremos se Lucas é capaz de o superar».

Lucas não faz uma profunda reverência como Mateus. Em contrapartida, dirige um sorriso cúmplice a Maria, como se procurasse tranquilizá-la.

– Alguém que tem por ofício tentar os demais, montar-lhes armadilhas, deveria conhecer melhor a psicologia humana e saber valorizar o uso do insulto. Diante de um auditório profano, como na ágora de Atenas ou no foro de Roma, o orador não pode insultar os seus ouvintes; pelo contrário, deve ganhar a sua benevolência. Essas pessoas só toleram e aceitam que se insulte o adversário político, o chefe do partido oposto, porque essa gente não busca a verdade, não quer mudar num ápice as suas ideias e a sua conduta. Mas quando o auditório é como o de João Batista, pessoas em busca da verdade, descontentes com a sua conduta, desejosas de que as incentivem a uma vida nova, não se ofendem porque lhes chamam «raça de víboras». Pelo contrário, agradecem. E dizem para consigo: «Isto é o que eu procurava, alguém que me sacuda, que me leve a ver-me como um ser repugnante, que me obrigue a mudar». Por isso, ao completar a

pregação de João Batista, insisti nas exigências práticas da conversão: vestir e dar de comer ao necessitado, não extorquir nem roubar... coisas que não são da minha invenção, mas que foram inspiradas desde há séculos pelo Espírito a diversos profetas.

A acusação de oferecer uma imagem terrível de Jesus não merece comentário nem defesa. Se estes debates tiverem continuidade, ficará clara qual é a minha imagem de Jesus, que nada tem de terrível.

Diz Satanás que Mateus e eu, com a nossa forma de contar o evangelho, afastamos as pessoas da fé. Eu escrevi com a intenção contrária, para que um grande amigo, o excelentíssimo Teófilo, fosse confirmado no ensinamento recebido. Tal como Mateus, eu conhecia e estimava o Evangelho de Marcos; também chegou às minhas mãos esse manuscrito com frases pronunciadas por Jesus; e, graças às minhas frequentes viagens, pude entrar em contacto com pessoas que me proporcionaram novos dados sobre ele e o seu ensinamento. Com tudo isso, escrevi o meu Evangelho, que por vezes se parece com os de Mateus e Marcos, mas noutros momentos se diferencia bastante.

Enquanto Lucas volta para o seu assento, o Espírito toma a palavra.

– Parece claro que a acusação de que os Evangelhos roubam a fé, como pretendiam demonstrar Satanás e a sua coorte, carece de fundamento com os dados que se apresentaram hoje. Depois de falar com as duas partes, o próximo tema será o batismo de Jesus. Encerra-se a sessão.

Índice

<i>Motivo e caráter deste livro</i>	5
1. A denúncia	11
2. João Batista	17
3. Mudança de planos: a infância.....	31
4. Batismo de Jesus.....	51
5. Tentações	69
6. Início da atividade de Jesus.....	85
7. Interrogatório a Lucas	101
8. Marcos e a sua placa	117
9. Mateus lê Lucas.....	135
10. Uma visita inesperada do Espírito.....	163

11. Satanás contra todos (I)	187
12. Satanás contra todos (II)	201
13. A alegação de Lucas	217
14. Contagem de milagres (I)	239
15. Milagres (II)	253
16. O relatório de Asmodeu.....	273
17. A armadilha.....	287
18. A defesa dos três evangelistas e de um desconhecido	297
19. O decreto	311
<i>Epílogo</i>	313
<i>Agradecimentos</i>	315
<i>Índice</i>	317